

PROMOVENDO A AUTONOMIA E A INDEPENDÊNCIA PELAS ATIVIDADES EXTRACURRICULARES: CULTURA POPULAR BRASILEIRA E DANÇA

Ana Paula Gonçalves Vargas¹

Célia de Fátima França

Luana Chagas de Moraes

Rutineia Rodrigues Valter

RESUMO

Em síntese, este relato de experiência teve como objetivo descrever sobre a promoção da autonomia e da independência, analisadas a partir de atividades extracurriculares, trabalhadas com enfoque na cultura popular brasileira e na dança. Com base nisso, aspectos do folclore serão estudados, uma vez que concernem ao conjunto de tradições e manifestações populares, constituído de lendas, mitos, provérbios, danças e costumes, passando de geração a geração. Dito de outro modo, o folclore significa a sabedoria de um povo, o que, por sua vez, confere maior importância para a identidade social. Nessa perspectiva, foram escolhidos, para este estudo, estilos de dança que evidenciam a relevância dessas questões culturais, que serão, resumidamente, apresentados, a seguir. O carimbó foi escolhido, por ser uma dança de roda, de origem indígena e tem esse nome por causa do batuque do tambor artesanal, usado nas apresentações artísticas e religiosas. Já o frevo foi eleito por ser uma dança típica do carnaval de rua brasileiro, tem a sua origem no nordeste do país e a sua principal característica é ser uma dança acelerada, envolvente e carismática. Por fim, escolhemos a dança do Bumba meu Boi, por ser trazida pelos portugueses para o Brasil, sendo inserida na cultura folclórica do país, a qual dá maior ênfase à figura animal, o que, na época, era a principal economia local. Foi trabalhado, de forma interdisciplinar, em sala de aula, o tema, sendo realizados vários ensaios para a apresentação na noite cultural. O público-alvo deste relato foram os educandos que frequentam as turmas de vivências laborais e serviço de convivência acima de 16 anos de idade. O embasamento teórico ocorreu a partir de pesquisas bibliográficas de autores que já escreveram sobre o assunto mais profundamente.

Palavras-chave: Folclore. Danças. Cultura popular.

ABSTRACT

This experience report aimed to describe the promotion of autonomy and independence, analyzed through extracurricular activities focused on Brazilian popular culture and dance. Aspects of folklore will be studied, as they encompass a set of traditions and popular manifestations, including legends, myths, proverbs, dances, and customs passed down from generation to generation. In other words, folklore represents the wisdom of a population, which is of utmost importance for their identity. We will briefly present the dance styles that we have chosen and which highlight the relevance of these cultural issues. Carimbó is a round dance of indigenous origin, named after the beat of the handmade drum used in artistic and religious performances.

¹ Graduada em Fisioterapia pela Universidade Católica de Pelotas, Brasil (2019) - fisioterapeuta do Top Life Pilates e Fisioterapia, Brasil.

Frevo is a typical dance of the Brazilian street carnival, originating in the northeastern region, known for its fast-paced, engaging, and charismatic nature. Lastly, we selected the Bumba meu Boi dance, brought to Brazil by the Portuguese and integrated into the country's folk culture, emphasizing the animal figure, the main local economy at the time. The theme was approached in an interdisciplinary manner in the classroom, with several rehearsals for the cultural night performance. The target audience for this report was students over 16 years old attending vocational experience classes and social interaction services. The theoretical foundation was based on bibliographic research conducted by authors who have extensively written about the subject.

Keywords: Folklore. Dances. Popular culture.

INTRODUÇÃO

No decorrer deste estudo, apresentaremos um pouco sobre a cultura popular brasileira, dando ênfase ao folclore e à dança, que foram as atividades desenvolvidas com os educandos, de forma extracurricular, com as turmas de vivências laborais e serviço de convivência. O trabalho foi realizado com discentes com idade acima de 16 anos de idade, na Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE), da cidade de Monte Carlo, trabalhando a autonomia e a independência dos educandos.

A cultura popular brasileira representa um conjunto de saberes determinados pela interação dos indivíduos, sendo passada de geração em geração. Ela reúne elementos e tradições culturais, que estão associados à linguagem popular e oral. A cultura popular inclui o folclore, o artesanato, as músicas, as danças, as festas, a culinária, dentre outros aspectos.

A BNCC (Base Nacional Comum Curricular) prevê que os estudantes devem aprender a valorizar, fruir e produzir manifestações artísticas e culturais diversas. O contato com a arte e a cultura desenvolve a sensibilidade e o senso estético, além de apoiar a construção da identidade e o respeito à diversidade (BRASIL, 2018).

Esse tema de grande importância deve ser trabalhado dentro das nossas instituições apaeanas, pois acreditamos que os nossos educandos devem ter conhecimento acerca da diversidade cultural do país e saberem a origem de festas folclóricas, da culinária e todos os tipos de manifestações culturais, fortalecendo, assim, o processo de valorização dos costumes locais.

A dança permite que o educando tenha consciência corporal e saiba como o seu corpo se relaciona com o espaço, com o objetivo de estimular o desenvolvimento de forma lúdica, podendo, desse modo, desenvolver a coordenação motora, equilíbrio, flexibilidade, estabelecer limites usando movimentos, estruturando a personalidade e a socialização. Essas competências são importantes para realizar diferentes atividades do dia a dia e desenvolver nos nossos educandos dos Serviços de Convivência e Serviços de Vivências Laborais, conforme supramencionado, com idade acima de 16 anos, o desenvolvimento da autonomia e da independência, relevantes nessa faixa etária.

Compreende-se, nesse sentido, que a dança é uma das manifestações culturais da humanidade que está presente em toda a sua história. Ouve-se, por todos os lados: “dança é vida”, “dança é mediação”, “dança é um ritual” (BRASILEIRO, 2010).

Além dos benefícios psicomotores, cognitivos, emocionais e socioculturais inerentes a essa forma de arte, a dança para pessoas deficientes pode ser um forte aliado de inclusão social, especialmente quando vivenciada em espaços em que a diversidade humana é a principal característica.

Podemos afirmar que a relação entre dança e inclusão social traz apenas benefícios. Além de adquirir habilidades e manter-nos em forma, compartilhar experiências e sentimentos é o que nos torna mais interessantes aos olhos dos outros e transforma coisas simples em arte.

DESENVOLVIMENTO

A cultura popular é integrada pela interação dos indivíduos, o que inclui o folclore, as músicas, as danças, as festas e a culinária. Estudando o folclore em sala de aula com os nossos educandos, descobrimos que ele é uma união de lendas e mitos transmitidos entre os povos pelos anos e representa uma herança cultural e social de um povo.

Na cultura popular encontramos a dança a partir de um ritmo, sendo essa uma das três principais artes cênicas nos tempos antigos, juntamente com o teatro e a música. A dança é caracterizada por movimentos pré-determinados, que chamamos de coreografia e improvisação (dança livre). É importante ressaltar que a dança pode existir como expressão artística ou como forma de entretenimento.

Considerando a importância e a amplitude do universo da dança na educação especial, a proposta interdisciplinar que se quer apresentar neste trabalho, pelo resgate da cultura popular brasileira, acredita-se que as manifestações culturais, nas quais as danças estão incluídas, são ricas, diversificadas e se mostram importantes como ferramentas pedagógicas.

Pelos movimentos do corpo, de caminhar, de correr e de se balançar, foi criada a dança como forma de expressão corporal. A história da dança aponta que o seu surgimento aconteceu ainda na pré-história, sendo percebido pelas pinturas encontradas nas cavernas. Podemos dizer, também, que quando os homens batiam os pés no chão, essa já era uma expressão corporal, que representava a dança e, aos poucos, foram dando ênfase mais aos sons, descobrindo que podiam fazer outros ritmos, conjugando os passos com as mãos, pelas palmas.

Para falar sobre o processo de inclusão, Santos e Figueiredo (2003 apud CARMO, 1991, p. 21) ressaltam que:

os problemas sociais que envolvem os 'deficientes' acompanham os homens desde os tempos mais remotos da civilização. Primeiro, entendemos a deficiência como uma categoria historicamente construída, que traz relações diversas do homem com seu meio social/cultural. Portanto, a diversidade e as diferenças não são apenas obstáculos para o cumprimento da ação educativa, mas, ao contrário, constituem fator de enriquecimento e formação da sociedade (CARMO, 1991 apud SANTOS; FIGUEIREDO, 2003).

Um objetivo importante da educação especial é que os educandos ganhem o máximo de independência e autonomia possível, seja a sua deficiência emocional, intelectual, física ou uma combinação de duas ou mais (múltiplas) deficiências.

O conceito de autonomia tem sido construído, historicamente, no contexto de diferentes características culturais, econômicas e políticas, que configuram as sociedades ao longo da sua trajetória. Etimologicamente, a autonomia significa o poder de dar a si a própria lei, autós (por si mesmo) e nomos (lei). Não se entende este poder como algo absoluto e ilimitado, também não se entende como sinônimo de autossuficiência, que indica uma esfera particular, cuja existência é garantida dentro dos próprios limites que a distinguem do poder dos outros e do poder em geral, mas apesar de ser distinta, não é incompatível com as outras leis.

Em outras palavras, a autonomia nada mais é do que a capacidade de tomar decisões por si, de gerir a própria vida, de planejar objetivos, o que inclui o senso pessoal de independência, a liberdade individual, a livre escolha e é guiada pela identidade e por sentimentos e necessidades próprias.

Já independência, por sua vez, está relacionada à capacidade funcional e física, ou seja, significa conseguir dar conta, sem nenhum auxílio e de maneira suficiente, das tarefas de autocuidado e das atividades instrumentais de vida diária (por exemplo, cuidar das próprias finanças, fazer deslocamentos para locais distantes usando algum transporte, usar o telefone, fazer compras, cuidar da casa, preparar as próprias refeições e tomar as medicações nos horários corretos). É importante destacar que a autonomia e a independência são construídas ao longo do tempo.

Forgiarini (2013 apud FREIRE, 2000, p. ?) analisa na sua obra a autonomia:

Paulo Freire, no livro *Pedagogia da Autonomia*, afirma que o educador que trabalha com crianças deve ‘estar atento à difícil passagem ou caminhada da heteronomia para a autonomia’ (FREIRE, 2000, p. 78). Este é um dos grandes temas que transpassam seu pensamento, o autor não explicita claramente o que entende por autonomia e heteronomia, mas a partir de seu pensamento sócio-político-pedagógico pode-se concluir que autonomia é a condição sócio histórica de um povo ou pessoa que tenha se libertado, se emancipado das opressões que restringem ou anulam a liberdade de determinação. A autonomia abrange o conceito que Freire (1983, p. 108) chama de ‘ser para si’ e no contexto histórico subdesenvolvido dos oprimidos, a autonomia está relacionada com a libertação. Já heteronomia é a condição de um indivíduo ou grupo social que se encontra em situação de opressão, de alienação, situação em que se é ‘ser para outro’ (idem, p. 38). Segundo as ideias de Freire, as opressões, em geral, vão configurar uma situação de heteronomia, e uma educação voltada para a libertação pode conduzir as pessoas a serem autônomas. Pode-se observar que os escritos de Freire são uma denúncia aos sistemas social, político, econômico, educacional, que favorecem a perpetuação da heteronomia. Ele denuncia as realidades que levam à heteronomia e propõe uma educação que busca construir uma realidade social que possibilite a autonomia, propõe um processo de ensino que possibilite a construção de condições para todos poderem ser ‘seres para si’.

Desse modo, podemos inferir que esse relato de experiência vai ao encontro dos ideais de produção de autonomia de todos os sujeitos que se encontram à margem da sociedade, sejam eles: analfabetos ou deficientes. Nesse viés, a produção da autonomia visa proporcionar aos indivíduos condições de vida em sociedade, libertação das regras impostas pelos outros sujeitos e superação da heteronomia. Encontramos esse discurso presente nas atuais políticas públicas de inclusão, quando se busca proporcionar aos sujeitos incluídos, meios para que desenvolvam as suas potencialidades e se adequem à sociedade de forma produtiva e sem se tornarem um peso para a família e o Estado.

A família, por sua vez, tem um papel muito importante e a maioria dos pais de pessoas com deficiência informa que tem medo de morrer e como seus filhos irão se virar após isso, pois essas pessoas são muito dependentes e precisam de auxílio constante no âmbito familiar, para se alimentar, na hora de tomar banho e atividades de vida diária.

Para Falknbach, Drexler e Werler (2008), “a ideia de que os pais se dedicam aos filhos mais na infância e de que mais tarde terão autonomia com sustentabilidade não se verifica na vivência familiar, sendo necessário o cuidado constante e continuado na realidade das famílias”.

Segundo Borges, no programa LIV:

Por vezes, o verdadeiro desafio é que os pais e responsáveis consigam reconhecer este crescimento acontecendo, pois muitas vezes, ainda que ocorra na frente de seus olhos, os adolescentes seguem sendo vistos como crianças pequenas ou bebês. Mudar essa imagem do indivíduo dependente de seus pais e aceitar a independência e autonomia dos adolescentes pode gerar sentimentos conflitantes nos adultos.

Por isso, durante as aulas, trabalhamos, incansavelmente, procurando desenvolver a autorrealização, a autonomia e a independência dos nossos educandos, pois na visão de muitos pais, eles dependerão de ajuda constantemente e não conseguem se desenvolver nesse quesito. Entretanto, os educadores possuem uma visão diferente e sabem que muitos deles têm capacidade de desenvolvimento, por isso, buscamos nos atualizar e trabalhar de diferentes maneiras, sendo essa uma forma deles se aperfeiçoarem e apresentarem avanços em relação à sua autonomia.

Precisamos estimular as pessoas com deficiência à autonomia. Nesse sentido, existem dois tipos de autonomia. Uma delas é autonomia de execução, que é conseguir realizar. No entanto, nós podemos preservar em qualquer pessoa o segundo tipo, que é a autonomia de decisão,

pois mesmo que ela não consiga executá-la, plenamente, ela decide sobre a própria vida.

MÉTODO

Para a realização desse relato de experiência com os objetivos e metas traçados, foram feitas pesquisas bibliográficas para fundamentar e estruturar o desenvolvimento, baseado em autores que já escreveram sobre o tema e possuem uma maior experiência no assunto. Com base nisso, também vale destacar a intervenção colaborativa, que envolve passos de construção, organização e desenvolvimento do grupo.

Uma missão das professoras da APAE é proporcionar o desenvolvimento da autonomia, independência e a autorrealização dos educandos. Visando isso, iniciamos um trabalho interdisciplinar sobre a cultura popular brasileira.

No primeiro momento, com as turmas de Serviço de Vivências Laborais e Serviço de Convivência, foi trabalhada, em sala de aula, a disciplina de Arte e cultura popular brasileira, dando ênfase ao folclore. Para tanto, iniciou-se com explicações de forma oral, vídeos de uma forma descontraída, explicando sobre o assunto e, em seguida, partiu-se para a realização de atividades manuais, com recorte, colagem, desenhos e pinturas, trabalhando, significativamente, o artesanato, para desenvolver a coordenação motora, concentração, expressividade, criatividade e estimulando criações artísticas. O objetivo disso foi desenvolver o lado psicomotor, tornando isso uma terapia para os educandos.

Também foram confeccionados trajes típicos e cenário para o evento da noite cultural. A costura das roupas foi realizada pelas voluntárias da nossa instituição. Os cocares foram feitos com EVA e penas artificiais, que os educandos ajudaram a confeccionar. O cenário foi feito em tecido Oxford e trabalhado todo em pintura em tecido. O desenho inicial foi desenvolvido pela professora de arte, trazendo características das três músicas - Carimbó, Frevo e Bumba meu boi - e desenhos com aspectos do folclore brasileiro. Os educandos iniciaram as pinturas em tecido e a professora acompanhava o grupo, para fazer um contorno e alguns detalhes.

Após a escolha das músicas (Carimbó, Frevo e Bumba meu boi), que nos trazem um pouco da cultura popular, foi feita uma mixagem unindo os três gêneros musicais e iniciado os ensaios com os educandos nas aulas de Educação Física. Aos poucos foi passado a eles os movimentos previamente estabelecidos, que chamamos de coreografia, sendo que, em alguns momentos, fez-se necessário durante o ensaio, um pouco mais de atenção para alguns educandos que encontraram mais dificuldade e treinaram os passos individualmente.

É importante destacar que a dança foi trabalhada visando desenvolver noção de espaço e tempo, lateralidade, postura, domínio, ritmo, percepção e memória do movimento, proporcionando isso ao nosso público-alvo, que era a comunidade em geral. Foi necessária a ampliação do conhecimento acerca do movimento e a descoberta de habilidades motoras específicas que auxiliam nossos educandos no cotidiano, além da sua relação emocional com o movimento e a socialização deles.

Aprender a dançar ajuda a aprimorar a própria imagem, estimulando uma consciência corporal que leva a um aumento da criatividade e da habilidade em se expressar, o que nem sempre é fácil para uma pessoa com deficiência. Tudo isso pode levar a uma melhor autoafirmação e melhoria da autoestima.

Enquanto eram realizados os ensaios da dança, em contrapartida, em sala de aula, foram realizados atendimentos pedagógicos, conforme as especificidades de cada turma relacionadas ao tema cultura popular. Na turma de Serviço de Vivências Laborais foi, primeiramente, realizada uma roda de conversa, expondo imagens e vídeos para possibilitar uma maior compreensão sobre o assunto. Em seguida, foram trabalhadas as parlendas folclóricas de forma oral e visual e desenvolvidas algumas atividades artesanais sobre o folclore, complementa-

do o trabalho realizado pela professora de Arte e Educação Física, sem fugir do tema e de forma dinâmica. Assim, foi finalizado o trabalho em sala de aula pelas adivinhas folclóricas.

Já na sala de Serviços de Convivência foi trabalhada a culinária visando relacionar o tema e desenvolver a autonomia e independência dos alunos no seu dia a dia, apresentando receitas, como pão de queijo, pim pim, brigadeiro, canjica, arroz doce, farofa de pinhão. Isso aprimorou o paladar dos nossos educandos e resgatou as comidas típicas, principalmente da nossa região. Quando saímos da sala de aula e levamos os educandos para ambientes diferentes, como a cozinha, é possível aprender novos conteúdos.

A culinária reflete os costumes de um povo e se reflete em outros aspectos culturais, não somente os utensílios, mas também as técnicas utilizadas na culinária fazem parte do acervo cultural. A cultura alimentar expressa a identidade de povos e grupos sociais ao longo do tempo. Podemos perceber, então, de forma clara, a relação da culinária ao tema cultura popular, podendo trabalhar de forma interdisciplinar para obter resultados positivos.

Após concluir os ensaios e os trabalhos em sala de aula, iniciamos a preparação para a apresentação da noite cultural, a qual consiste em apresentações culturais envolvendo toda comunidade, desde educandos e professores da rede municipal, estadual e APAE, Serviço de convivência municipal e família. Fez-se necessário, no primeiro momento, uma conversa com as famílias, para pegar uma autorização, pois eles precisaram se deslocar até o ginásio de esportes no transporte apaeano, no período noturno, para participarem da apresentação da noite cultural e sem a autorização dos responsáveis, isso não seria possível.

Na noite do evento, então, com tudo organizado, os educandos, primeiramente, foram levados até a instituição para fazer a maquiagem e vestir o figurino da dança. Cada educando recebeu uma maquiagem e vestuário diferente, conforme a dança que iria participar. Após tudo pronto, foram deslocados até o ginásio de esporte, chegando lá, já foram direcionados para o local destinado para eles se organizarem e aguardarem a apresentação, o que ocorreu na segunda noite. Após isso, chegou o grande momento dos nossos educandos realizarem a apresentação deles e mostrarem ao público as suas habilidades na dança, quebrando o tabu de que os deficientes são incapazes, pois, infelizmente, ainda atualmente vemos esse preconceito presente na nossa sociedade.

É importante destacar que por essa atividade é possível perceber se a autonomia que tanto é trabalhada dentro da nossa instituição realmente seria possível ser colocada em prática, pois nessa noite, parte da comunidade se fez presente para prestigiar esse grande evento.

Sabemos que as habilidades que um educando precisa para ter sucesso de forma independente na comunidade, muitas vezes, precisam ser ensinadas na comunidade. Esse projeto veio de encontro a isso, pois na noite da apresentação, eles estavam inseridos de fato na comunidade.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Ao fim desse evento, foi possível, então, analisar os resultados obtidos. Iniciamos relatando sobre as atividades desenvolvidas e o desempenho dos educandos. Nas aulas de arte, foi possível envolver os educandos na confecção de alguns itens do figurino, como, por exemplo, o cocar e o Bumba meu Boi utilizado na dança. Quanto à pintura do cenário, podemos observar que os educandos conseguem fazê-la, mas para os acabamentos, foi necessária a ajuda da professora. Em relação aos demais objetivos propostos a serem alcançados, eles variam de educando para educando, pois o resultado é individual, mas todos participaram de uma forma ou outra, deixando registrado, de forma única e especial, a sua participação.

Em relação aos resultados obtidos em ambas as salas de aulas (Serviços de convivência e Serviços de vivências laborais), é algo muito particular, pois cada educando é único e possui

dificuldades e habilidades diferentes. As atividades foram desenvolvidas respeitando as especificidades de cada um, sendo assim, foi obtido resultados diferentes, porém, todos positivos.

Nas aulas de educação física foi possível analisar vários aspectos do desenvolvimento dos educandos. Nos momentos de ensaios, foi realizado um trabalho em equipe, pois todas as professoras se envolveram, auxiliando e participando da dança. Como foi feita uma mixagem de músicas, os ensaios foram realizados separadamente e, depois, foram juntadas todos para os ensaios finais. No decorrer dos ensaios, foi encontrado bastante dificuldades para que os educandos conseguissem aprender os passos e fazê-los no ritmo da música, na sequência correta, conseguindo desenvolver noções de lateralidade (fazer os passos todos para o mesmo lado). Entretanto, apesar da dificuldade encontrada, foi possível obter um bom resultado pelas repetições.

No dia da apresentação, o resultado foi maravilhoso, a apresentação ficou linda e a APAE recebeu muitos elogios. Nós percebemos que conseguimos alcançar alguns objetivos propostos. Notou-se que além de conseguirem fazer uma belíssima apresentação, o grupo de educandos sentiu-se realizado e feliz pelo resultado.

Analisamos que os educandos conseguiram seguir o ritmo da música, respeitar o espaço delimitado para o uso da apresentação, memorizar os passos seguindo a sequência correta, deixando a timidez de lado e conseguindo realizar todos os movimentos passados desde o início dos ensaios.

Depois da apresentação com auxílio das professoras, eles precisaram locomover-se pelo público até um local apropriado, para fazer a alimentação promovida pela APAE. Alguns educandos tiveram autonomia para se alimentar e, em seguida, deslocar-se pelo público para encontrar os seus familiares, que ficaram responsáveis pelo retorno para as suas residências. Os outros seguiram para o transporte com as professoras para o retorno das suas casas.

Segundo Santos e Figueiredo (2003):

A dança presente nas aulas de Educação Física torna-se, para o aluno, um campo vivenciado de muitas experiências do movimento humano e, também, um campo de resgate cultural e social do ser humano na sociedade contemporânea. Mas vale lembrar que ensinar dança na escola vai muito além de reproduzir o que se vê na mídia, ou o que o professor traz de casa pronto para passar aos seus alunos. Ensinar e aprender a dançar é vivenciar, criar, expressar, brincar com o próprio corpo; é deixar-se levar pela descoberta de inimagináveis movimentos, é descobrir no corpo que o que é certo pode estar errado e o que é errado pode estar certo. Com relação ao belo, não existe para ele uma regra, uma visão unilateral, e sim multiplicidades, polissemias, diálogos e dialéticas (SANTOS; FIGUEIREDO, 2003).

Por esse relato de experiência, foi possível realizar uma análise qualitativa dos resultados, sendo possível afirmar que a dança pode nos proporcionar um resgate cultural e auxiliar no processo de inclusão social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Encerramos esse projeto com a mesma certeza na qual iniciamos, de que ainda precisamos trilhar muitos caminhos para compreender todas as teias que se enredam na questão inclusão, autonomia e independência dos alunos com deficiência, mas estamos no caminho certo.

Entendemos a autonomia como uma conquista do indivíduo, que deve ser construída a partir das decisões, das vivências e da própria liberdade. Embora a autonomia seja uma característica essencialmente humana, na medida em que está vincu-

lada à ideia de dignidade, é preciso notar que ninguém é prontamente autônomo. A autonomia é uma conquista que deve ser desenvolvida e, cabe à educação, proporcionar contextos formativos adequados para que os educandos se tornem autônomos.

Sempre nos questionamos sobre como desenvolver a autonomia e independência dos educandos, então, visando desenvolver essas habilidades, buscamos trabalhar, de forma interdisciplinar, em busca de um mesmo objetivo.

É importante sempre levar em consideração a compreensão de cada educando e que cada um tem o seu tempo de aprendizado e seu ritmo próprio, pensando sempre em novas formas de desenvolver a autonomia e a independência, fazendo com que os educandos realmente consigam assimilar o que lhe foi proposto para a vida. Pretendeu-se tornar tudo sempre mais prazeroso e interessante, quebrando os muros do que já está pré-estabelecido na mente de alguns indivíduos da nossa sociedade, que essas pessoas são incapazes de se tornarem independentes.

Fazer a junção da autonomia, da independência, da dança e cultura popular brasileira foi algo muito positivo e prazeroso de trabalhar, pois abordar com a cultura popular na educação especial reitera ainda mais as nossas identidades como um povo diversificado. É preciso saber de onde viemos, as nossas músicas, os nossos ritmos, as nossas danças e os personagens que norteiam a nossa cultura, que nos mostram, de forma lúdica, o caminho da nossa história.

É fundamental que o trabalho desenvolvido com as pessoas com deficiência seja de responsabilidade de toda a comunidade escolar, pais, professores, gestores e demais envolvidos no processo de ensino e aprendizagem.

Concluimos que a dança ajuda a diminuir ou até mesmo quebrar as barreiras do preconceito, tornando as pessoas mais confiantes, não apenas no ambiente em que são realizados os ensaios, como no nosso caso dentro da APAE, mas na sociedade em geral. Ao perceber que se pode usar o corpo como ferramenta de comunicação, o educando como dançarino passa a entender que não existem diferenças que possam separá-lo ou isolá-lo da sociedade. Pelos ensaios da dança desenvolvidos nesse projeto, foi possível promover a ampliação do conhecimento acerca do movimento e a descoberta de habilidades motoras específicas que auxiliam no cotidiano. Além da sua relação emocional com o movimento, podemos afirmar, também, que a dança favoreceu a criatividade e a socialização, contribuindo com o processo de aprendizagem e estabelecendo relações com outras atividades.

Compreendemos que isso se trata de modificar a forma como a educação inclusiva é vista nas escolas e, principalmente, a maneira como o educando com deficiência é visto. Precisamos vê-los para além da diferença, para além daquilo que lhe falta, para que não se fique limitado ao ser deficiente e se possa, efetivamente, construir a sua própria autonomia, independência, aprendizagem e fazer parte da sociedade a qual pertence. Desse modo, entendemos a escola como o espaço em que as mudanças são possíveis e viáveis, não se tratando de propor uma nova configuração do espaço escolar, mas de propor um ambiente mais disposto a repensar-se e refazer-se constantemente, com o intuito de transformar-se naquilo que a sociedade espera.

Os resultados da apresentação foram muito satisfatórios, sendo rerepresentada outra vez no Encontro de Arte Regional das APAES na cidade de Lebon Régis, em que novamente eles deram show e nos mostraram que estão mais autônomos e independentes. Levamos em consideração que o desenvolvimento de ambos os objetivos traçados vem acontecendo lentamente, mas que, apesar disso, quando algum dos educandos nos mostram no dia a dia alguma ação mais autônoma, isso é uma grande conquista, pois aos poucos, eles vão longe.

REFERÊNCIAS

ALVES, Jovelina Carvalho; OLIVEIRA, Maria Laudeci Andrade Maciel; MELO, Simone Pa-

checo de Albuquerque Lins. Uma reflexão sobre a importância da construção da autonomia no processo educativo. **Revista Educação Pública**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 30, p. ?-?, ago. 2022. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/22/30/uma-reflexao-sobre-a-importancia-da-construcao-da-autonomia-no-processo-educativo>. Acesso em: 2 mar. 2023.

BRASILEIRO, Livia Tenório. **A dança é uma manifestação artística que tem presença marcante na cultura popular brasileira**. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pp/a/Ch-9QvNkbYvw5xNKZF9RdkPw/?lang=pt#>. Acesso em: 5 abr. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

CARMO, Apolônio A. do. **Deficiência física: a sociedade brasileira cria, “recupera” e discrimina**. Brasília: Secretaria de Desportos PR, 1991.

DIANA, Daniela. **Cultura Popular**. Toda Matéria, [s.d.]. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/cultura-popular/>. Acesso em: 1 mar. 2023.

FALKNBACH, A. P.; DREXSLER, G.; WERLER, V. A relação mãe/criança com deficiência: sentimentos e experiências. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 2, p. 65-73, dez. 2008. Disponível em: <https://media.apaebrasil.org.br/A-familia-no-Contexto-3-1.pdf>. Acesso em: 2 mar. 2023.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. 15. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

FORGIARINI, Roberta Rossarolla. **A produção da autonomia no espaço escolar: Pensando a escola inclusiva**. 2013. Disponível em: <https://tede2.pucrs.br/tede2/bitstream/tede/3748/1/447023.pdf>. Acesso em: 3 mar. 2023.

NASCIMENTO, Priscila Pascarelli Pedrico do. **Autonomia ou Independência: você sabe qual a diferença?** Trevo, 2022. Disponível em: www... Acesso em: 2 mar. 2023.

PETITE DANSE. **Como a dança pode ajudar as pessoas com deficiência**. 2017. Disponível em: <https://petitedanse.com.br/como-danca-pode-ajudar-as-p>. Acesso em: 3 mar. 2023.

SANTOS, Rosirene Campêlo; FIGUEIREDO, Valéria Maria Chaves. **Dança e inclusão no contexto escolar, um diálogo possível**. 2003. Disponível em: [https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&q=dan%C3%A7a+e+inclus%C3%A3o&oq=dan%C3%A7a+e+.](https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&q=dan%C3%A7a+e+inclus%C3%A3o&oq=dan%C3%A7a+e+.;); Acesso em: 1 mar. 2023.